


## Migração, trabalho e escolarização de jovens em diferentes percursos escolares

**Célia Regina Vendramini**  
**Claudia Janet Cataño Hoyos**  
**Janaina Gulart Oliveira de Queiroz**  
**Larissa Livramento Pereira**

### **Célia Regina Vendramini**

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC


E-mail: [celia.vendramini@ufsc.br](mailto:celia.vendramini@ufsc.br)

 <http://orcid.org/0000-0001-9600-2868>

### **Claudia Janet Cataño Hoyos**

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC


E-mail: [catanoclaudia@gmail.com](mailto:catanoclaudia@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-5991-5673>

### **Janaina Gulart Oliveira de Queiroz**

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC


E-mail: [janaamora@hotmail.com](mailto:janaamora@hotmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-4057-2535>

### **Larissa Livramento Pereira**

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

E-mail: [larissalivramentop@gmail.com](mailto:larissalivramentop@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-5293-1697>

### **Resumo**

O objetivo do trabalho é analisar a relação entre migração, trabalho e escolarização de jovens em diferentes percursos escolares. Observamos, entre os jovens migrantes, um percurso escolar irregular e sujeito a interrupções, dadas a dificuldade de conciliar estudo e trabalho, as mudanças em meio ao período letivo, a rotatividade de escolas, as dificuldades de adaptação, entre outras. A pesquisa que sustenta as análises está sendo desenvolvida na cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina, local que tem recebido um grande fluxo de migrantes. A estratégia metodológica foi integrada por técnicas qualitativas e quantitativas de geração de dados, tais como questionários, grupos focais e análises de documentos, em três espaços de pesquisa, nos quais abordamos a relação dos jovens migrantes com o trabalho e a escola: Escola de Ensino Médio regular – pesquisa com estudantes que frequentam o ensino médio diurno e noturno; Universidade Federal de Santa Catarina – pesquisa com trabalhadores temporários da construção civil, os quais apresentam baixa escolarização e interromperam os estudos; Núcleos de Educação de Jovens e Adultos – pesquisa com estudantes que buscam retomar o processo de escolarização. Conclui-se que a migração da classe trabalhadora é um fenômeno intrínseco aos processos de expropriação e exploração da sociedade moderna, bem como que o percurso escolar dos jovens migrantes se encontra determinado pelo trabalho e caracteriza-se pela permanente tensão entre expulsão e integração.

**Palavras-chave:** Migração. Trabalho. Escolarização.

Recebido em: 19/08/2019

Aprovado em: 10/08/2020



**Abstract****Migration, work and schooling of young people in different school paths**

The aim of this paper is to analyze the relationship between migration, work and schooling of young people in different school paths. Among young migrants, we observed an irregular and interrupted school life, given the difficulty of reconciling study and work, the changes in the middle of the school period, the rotation of schools, the difficulties of adaptation, among others. The research supporting the analyzes is being developed in the city of Florianópolis, state of Santa Catarina, a place that has received a large flow of migrants. The methodological strategy was integrated by qualitative and quantitative data generation techniques, such as questionnaires, focus groups and document analysis in three research spaces, in which we approach the relationship of young migrants with work and school: Regular high school - research with students attending daytime and night time high school; Federal University of Santa Catarina - research with temporary construction workers, who have low education and interrupted their studies; Youth and Adult Education Centers - research with students seeking to resume the schooling process. In summary, the migration of the working class is an intrinsic phenomenon to the processes of expropriation and exploitation of modern society that the school career of young migrants is determined by work and is characterized by the permanent tension between expulsion and integration.

**Keywords:**

Migration. Work. Schooling.

**Resumen****Migración, trabajo y escolarización de jóvenes con diferentes trayectorias escolares**

El objetivo del trabajo es analizar la relación entre migración, trabajo y escolarización de jóvenes con diferentes trayectorias escolares. Observamos entre los jóvenes migrantes una trayectoria escolar irregular y sujeta a interrupciones dada la dificultad de conciliar estudio y trabajo, los cambios en el período lectivo, el traslado frecuente de escuelas, las dificultades de adaptación, entre otras. La investigación que sustenta los análisis está siendo desarrollada en la ciudad de Florianópolis, estado de Santa Catarina, local que ha recibido un grande flujo de migrantes. La estrategia metodológica fue integrada por técnicas cualitativas y cuantitativas de generación de datos, tales como encuesta, grupos focales y análisis de documentos aplicados en tres espacios diferentes de pesquisa en los cuales abordamos la relación de los jóvenes migrantes con el trabajo y la escuela: Escuela de enseñanza media regular - estudio con estudiantes que frecuentan la educación media diurna y nocturna; Universidad Federal de Santa Catarina – estudio con trabajadores temporarios de la construcción civil, los cuales tienen baja escolarización e interrumpen los estudios; Núcleos de Educación de Adultos – estudio con estudiantes que pretenden retomar el proceso de escolarización. Se concluye que la migración de la clase trabajadora es un fenómeno intrínseco al proceso de expropiación y explotación de la sociedad moderna, que la trayectoria escolar de los jóvenes migrantes se encuentra determinado por el trabajo y que ésta se caracteriza por la permanente tensión entre expulsión e integración.

**Palabras clave:**

Migración.  
Trabajo.  
Escolarización.

## Introdução

Jovens migrantes da classe trabalhadora vivenciam percursos escolares marcados por interrupções e rotatividade de escolas e de modalidades educativas. São inúmeros os percalços que se interpõem para o prosseguimento dos estudos e o sucesso na escola. De acordo com nossas pesquisas, as quais relataremos ao longo do artigo, o elemento que frequentemente concorre com o estudo é o trabalho. Este representa a possibilidade de o jovem manter-se como estudante, mas também se torna empecilho para a sua permanência na escola, especialmente por reduzir as horas de dedicação aos estudos. De acordo com Foracchi (1977), o trabalho é uma parte do processo de transformação do jovem em estudante, mas o impede de ser estudante em sentido pleno.

A possibilidade de transformação do jovem em estudante é marcada pela condição de classe. Conforme Oliveira (1976, p. 25), “[...] as migrações são, sempre, um fenômeno de cunho classista, isto é, de frações de uma determinada classe social que migram”. Nesta direção, consideramos na análise a condição de classe dos estudantes migrantes e tomamos como referência a concepção desenvolvida por Thompson (1987). A partir de estudo sobre a formação da classe operária inglesa, o historiador compreende a classe como um fenômeno histórico, uma formação tanto cultural como econômica, que se manifesta historicamente nas relações humanas como resultado de experiências comuns, determinadas, em grande medida, pelas relações de produção.

Considerando que as desigualdades sociais ocasionadas pelo antagonismo de classe se expressam em desigualdades escolares, questionamos: como jovens pobres, de periferia e migrantes vivenciam seu percurso escolar? Quais os obstáculos que se lhes apresentam? Como se adaptam ou são adaptados aos universos escolar e social? De acordo com Shuchodolski (1976), a pedagogia tem a tarefa de adaptar a geração dos jovens às relações vigentes na sociedade, e não a de prepará-la para criar novas relações. Assim, como processo de adaptação, a educação assegura aos filhos da classe dominante as vantagens e os privilégios da sua classe e adapta os filhos da classe trabalhadora às condições de exploração da sua existência. O percurso de escolarização de jovens migrantes apresentado neste artigo revela esse corte de classe.

Analisaremos as contradições em torno da condição do trabalhador-estudante, considerando a permanência, a expulsão e o retorno à escola. Para tal análise, contamos com três espaços de pesquisa: uma Escola da Rede Estadual de Ensino em Florianópolis, onde desenvolvemos pesquisa com estudantes migrantes que frequentam o Ensino Médio e trabalham; a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em que desenvolvemos pesquisa com trabalhadores temporários da construção civil, os quais apresentam baixa escolarização e interromperam os estudos; os Núcleos de Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura Municipal de Florianópolis, palco de pesquisa com estudantes que retomaram o processo de escolarização.

## Um percurso de expulsões

Tomamos emprestado o título do livro de Saskya Sassen (2016), *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*, para abordar a condição dos jovens migrantes, marcada pela expulsão, seja do seu local de vida e trabalho, seja da escola. A autora identifica o surgimento de novas lógicas de *expulsão* com o crescimento da quantidade de pessoas, empresas e lugares deslocados das ordens sociais e econômicas centrais. Sassen (2016, p. 11) seleciona casos extremos, os quais têm um aspecto em comum: “todos são agudos”. Algumas expulsões vêm acontecendo há muito tempo, mas não na escala atual; outras são novas, no que diz respeito ao caráter, ao conteúdo e ao local das expulsões. Sua tese é de que estamos assistindo “[...] à constituição não tanto de elites predatórias, mas de ‘formações’ predatórias, uma combinação de elites e de capacidades sistêmicas na qual o mercado financeiro é um facilitador fundamental, que empurra na direção de uma concentração aguda” (SASSEN, 2016, p. 22).

Os atuais processos de acumulação, desde suas formas primitivas, resultam, de acordo com Sassen (2016), na expulsão de um espaço de vida que se expressa no crescimento da população deslocada, no armazenamento de refugiados e no rápido aumento da população encarcerada.<sup>1</sup> O que significa expulsão “[...] de projetos de vida e de meios de sobrevivência, de um pertencimento à sociedade, e do contrato social que está no centro da democracia liberal” (SASSEN, 2016, p. 39).

Marx (2008a, p. 830) relatou de forma rigorosa e detalhada o processo histórico de acumulação originária do capital, processo este que dissocia o trabalhador dos meios de produção, o qual só é possível com a expropriação dos trabalhadores:

Marcam época, na história da acumulação primitiva, todas as transformações que servem de alavanca à classe capitalista em formação, sobretudo aqueles deslocamentos de grandes massas humanas, súbita e violentamente privadas de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho como levas de proletários destituídas de direitos. A expropriação do produtor rural, do camponês, que fica assim privado de suas terras, constitui a base de todo o processo.

Tal processo não se encerrou na pré-história do capital. Segundo Marx (2008b), a expropriação dos meios de subsistência propiciou a constituição de uma população trabalhadora excedente e a instituição da exploração do trabalho como meio de produção da riqueza no sistema capitalista. O excedente populacional torna-se assim “a alavanca da acumulação capitalista” (MARX, 2008b, p. 735).

Conforme Marx (2008a), o processo de expropriação dos meios de subsistência, dos meios de produção e as ações de assistência social da sociedade feudal deram origem não só a trabalhadores livres de qualquer forma de sustento e, portanto, obrigados a vender sua força de trabalho, como também a um grande exército de pessoas que não seriam inseridas imediatamente nos processos produtivos, mas que se encontrariam disponíveis e pressionariam os salários a baixar. Os trabalhadores que constituem o exército de reserva ficam sujeitos a migrar entre os diferentes ramos de produção e inclusive a migrar de local de

moradia à procura de trabalho, incidindo na produção da mais-valia e nos níveis de acumulação no âmbito local, nacional e internacional, pelos quais são recrutados ou repelidos.

O exército de reserva é um dos elementos constituintes da sociedade moderna. Desde a origem do capitalismo, quantidades exponenciais de trabalhadores são repelidas e forçadas a viver em condições de miséria e de pobreza. O desemprego força a migração dos trabalhadores e o aumento da população encarcerada, da população moradora de rua, dos sem-teto ou sem-terra, levando-os até mesmo ao suicídio,<sup>2</sup> o qual revela o nível de desespero da população. Esta situação não se constitui em anomalia ou em exceção, pelo contrário, tem sido a regra e expressa a lei geral da acumulação capitalista, conforme revelada por Marx (2008b).

A problemática da expulsão também resulta no fenômeno da segregação nas cidades e numa vida cotidiana em fragmentos, seja no trabalho, no transporte, no lazer, na escola e em outros espaços. Por um lado, a sociedade moderna integra todos os sujeitos sociais e territórios nas suas relações de produção, ainda que, de acordo com Lefebvre (2001), esta se realize em níveis diferentes e por modalidades diversas, como a cultura, a educação, os meios de transporte ou a internacionalização. De outro lado, nesta mesma sociedade, produzem-se espaços sociais de segregação, separação e isolamento, como os guetos. O que leva Lefebvre a falar em fenômenos paradoxais de *integração desintegrante*, que incidem especialmente sobre a realidade urbana.

Tal fenômeno também pode ser observado nas escolas. Kuenzer (2005) denomina de *exclusão includente* o acesso da classe trabalhadora à escola, a qual produz mecanismos internos de exclusão, via avaliação, desqualificação, infraestrutura precária e insuficiente, assim como linguagens e práticas que se afastam da realidade dos estudantes, especialmente das crianças e dos jovens da periferia.

O que aqui apresentamos como *integração desintegrante* (LEFEBVRE, 2001) ou *exclusão includente* (KUENZER, 2005) nos remete à histórica dualidade estrutural do sistema de ensino, em particular o brasileiro. Rummert, Algebaile e Ventura (2012) assinalam que as mudanças que ocorreram no processo formativo brasileiro envolveram diversos caminhos, pautados na dominação do capital sobre o trabalho. A *dualidade de novo tipo*,<sup>3</sup> expressão da dualidade estrutural fundante da educação no modo de produção capitalista, tem reproduzido “[...] a ausência efetiva de acesso à escola para a maioria da classe trabalhadora [...]” (RUMMERT; ALGEBAILLE; VENTURA, 2012, p. 20), bem como criando diferenças substantivas nos percursos escolares da burguesia e da classe trabalhadora.

A educação tornou-se um ‘problema social’ em todas as sociedades, ou seja, ela passou a se constituir numa necessidade da vida social e produtiva. No Brasil, como problema social, a educação despontara no início dos anos 1930, com o processo de industrialização e urbanização, criando a demanda por educação. Entretanto, a resposta à demanda foi condicionada pela desigualdade social, ou melhor, refletiu a estrutura de classes. Florestan Fernandes (1966) indica que a dualidade no sistema educacional

acontece por sua subordinação ao modo de produção capitalista, ao mercado e à própria divisão de classes da sociedade. “Essa dualidade geralmente ocorre em escolas massivas e aligeiradas para as grandes massas, contrapostas a uma formação à parte e separada para os setores dominantes” (FONTES, 2016, p. 18).

Ferraro (1999, p. 24) aponta que o fenômeno da exclusão escolar tem uma dupla dimensão, a “*exclusão da escola*” e a “*exclusão na escola*”. A primeira compreende o não acesso, o que habitualmente se denomina de evasão escolar. A segunda corresponde à exclusão operada dentro do processo escolar, por meio dos mecanismos de reprovação e repetência.

Compreendemos que o fenômeno da crescente expulsão de trabalhadores dos seus locais de origem, como consequência do processo histórico de expropriação, caminha juntamente com os mecanismos internos e externos de expulsão dos estudantes da escola, os quais estão ocultados no termo ‘abandono escolar’. Observamos, entretanto, que os estudantes não abandonam a escola; ao contrário, eles insistem em permanecer nela,<sup>4</sup> mas enfrentam sérios obstáculos para prosseguir nos estudos. Por um lado, desde muito jovens, têm que se responsabilizar por afazeres domésticos ou inserir-se no trabalho produtivo. Por outro, na escola, enfrentam dificuldades de ingresso, adaptação, acolhimento e disponibilidade de tempo para cumprirem com os requisitos de um ‘bom aluno’ e serem aprovados. A falta de assistência, as múltiplas reprovações e a repetência vão expulsando os estudantes da escola. Entre os jovens migrantes, a situação se agrava, dadas as dificuldades de adaptação, de acesso a documentos escolares, a mudança em meio ao calendário escolar, assim como a socialização em contexto e cultura diferenciados, entre outros fatores.

A seguir, analisaremos a relação entre trabalho e educação na situação de jovens migrantes que persistem no ensino regular e que associam o estudo com o trabalho; na situação de jovens migrantes que já foram expulsos da escola e apenas trabalham; e na situação daqueles que foram expulsos da escola e retornaram em nova modalidade – a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

### **Jovens migrantes do ensino regular que associam o estudo com o trabalho**

Quando iniciamos a pesquisa com jovens do Ensino Médio de uma escola pública de Florianópolis, conversamos com uma estudante que há pouco havia chegado da Bahia. Segundo seu relato, do grupo de vinte jovens que chegaram à cidade para estudar e trabalhar, passados poucos meses, apenas ela persistia na escola. Estes jovens migraram sem suas famílias, apenas com amigos ou parentes, portanto precisavam arcar com todas as despesas requeridas pela vida cotidiana (aluguel, alimentação, contas de luz e água, transporte, roupa, entre outras necessidades). Os que vieram com suas famílias ajudavam nas despesas da casa, mas, para tanto, também precisavam trabalhar.<sup>5</sup> Desse modo, a permanência na escola ficou em segundo plano diante da necessidade de produzir a vida.

*Se precisar trocar o estudo pelo trabalho, eu troco. Porque como é que eu vou me manter?  
Como é que eu vou comer? Como é que eu vou me vestir?*

*Eu queria muito ter esse luxo de viver só para os estudos, só que eu tenho outras coisas para fazer também. Lá em casa somos em três irmãos, todos trabalham e têm o seu dinheiro.*<sup>6</sup>

O depoimento acima foi colhido em pesquisa desenvolvida com estudantes do Ensino Médio da Escola de Educação Básica (EEB) Padre Anchieta, em Florianópolis, SC. Valemo-nos de 115 questionários, aplicados a 7 turmas dos turnos matutino, vespertino e noturno;<sup>7</sup> de levantamento de dados dos estudantes do Ensino Médio nas fichas de matrícula; e da realização de grupo focal<sup>8</sup> com estudantes do noturno, o qual conta com o maior número de migrantes, como veremos a seguir.

A Escola atende, em sua maioria, crianças e jovens moradores das comunidades do Morro do 25, do Morro do Horácio e de Santa Vitória. Elas compõem o território do maciço do Morro da Cruz, localizado na Região Central de Florianópolis, área considerada ocupação irregular, que abriga cerca de 30 mil pessoas, distribuídas por pelo menos 17 comunidades, instaladas sobre morros e encostas, as quais vivem em condições de pobreza e violência, com infraestrutura deficiente e acesso limitado ou inexistente a políticas sociais como saúde, escola, saneamento, coleta de lixo, pavimentação e transporte.

Encontramos nesta escola um grande número de estudantes migrantes. Pelos resultados do questionário, apenas 44% nasceram em Florianópolis, os outros 56% vivem na cidade de 1 a 10 anos. De acordo com levantamento realizado nas fichas de matrícula, das 8 turmas do Ensino Médio e do conjunto de 230 estudantes matriculados, 109 são migrantes.<sup>9</sup> Os estados com maior número de migrantes estudando no Ensino Médio são: Bahia, com 23 alunos; Paraná, com 18 alunos matriculados; Rio Grande do Sul, com 17 matriculados; e, por fim, o estado do Pará, com 16 matriculados. Há ainda um expressivo número de alunos migrantes do interior do estado de Santa Catarina, totalizando 21 matrículas.

Verificamos também o elevado número de migrantes que estudam no período noturno. Do total de 69 alunos, 47 são migrantes, representando 68%. Tais dados nos mostram que a presença de jovens migrantes na escola pesquisada é significativa, compondo uma realidade em que o trabalho e a necessidade de migrar para inserir-se no trabalho os impedem de serem estudantes em sentido pleno. Nossa pesquisa revela que o trabalho responde por 38,1% dos casos de desistência da escola.<sup>10</sup> Pelos dados dos questionários, mais da metade dos jovens no Ensino Médio trabalha ou já trabalhou (52,6%).

A escola pesquisada apresenta uma grande intermitência de ingresso e saída de estudantes, inclusive durante o ano letivo, os quais, com frequência, mudam de bairro ou mesmo de cidade. Apenas no ano de 2016, entre março e novembro, foram efetuadas 194 transferências de estudantes da escola. Como vimos acima, esta escola conta com grande número de estudantes migrantes, vindos não apenas do interior do estado mas também de outros estados, particularmente das Regiões Sul, Nordeste e Norte do país. Estes últimos, dadas as condições de instabilidade econômica e as dificuldades de adaptação no que se refere à residência e ao trabalho, acabam por se mover mais; além disso, vários retornam para seu local de origem

ou buscam outro destino, quando encontram um conjunto de dificuldades para permanecer em Florianópolis.

Os migrantes que chegam à cidade buscam imediatamente localizar-se no novo território e encontrar mecanismos de sobrevivência básica, como trabalho e local de moradia. A procura por escola e as dificuldades envolvidas no processo estão em segundo plano. Conseguir vaga em uma escola, providenciar a documentação, adaptar-se ao novo ambiente escolar e, muitas vezes, conciliar estudo e trabalho são os novos desafios. Além disso, os estudantes migrantes estão sujeitos a preconceitos, em virtude do seu sotaque diferenciado, dos termos e expressões usadas, das suas características físicas, dos seus hábitos, das características do seu lugar de origem, dentre outros, o que agrava as dificuldades de permanência no interior das instituições escolares. Os depoimentos abaixo exemplificam algumas das situações vivenciadas por estudantes migrantes:

Entrevistadora: *Você se sente discriminada?*

Aluna 1: *Sim.*

Entrevistadora: *Por quê?*

Aluna 1: *Porque eu sou de outra cidade, e todos ficam falando. Você passa e todo mundo fica comentando. É sempre assim. Diretor, secretário, vice, aluno, qualquer um.*

Entrevistadora: *O que eles falam?*

Aluna 1: *Ah, 'porque você é baiana, você é folgada', isso e aquilo. 'Você não está nem aí, é preguiçosa', sabe? 'Isso é jeito de falar?'. É desse jeito.*

Aluna 2: *No começo do ano que eu vim pra cá – eu sou nova aqui na cidade –, apesar de eu ter vindo de Manaus, todos ficam falando: 'Você come no chão? Você dorme numa toca? Lá é só mato? Vocês são índios? Falam diferente. Você veio fazer o que aqui?'. Me chamam de demônio [pausa].<sup>11</sup>*

Os jovens migrantes, além de enfrentar dificuldades para ingressar na nova escola, acompanhar os conteúdos e conciliar os horários de estudo e de trabalho, também enfrentam desafios dentro da escola que incidem na sua permanência no sistema escolar e dizem respeito ao tipo de relação que estabelecem com os colegas e professores, assim como às características econômicas e culturais de seu lugar de origem. As históricas desigualdades econômicas entre as diferentes regiões do país, o desconhecimento da realidade e a ausência de programas de acolhimento dos estudantes migrantes e de formação da comunidade educativa na compreensão do fenômeno da migração propiciam estigmatização, segregação e violência dentro da escola, as quais se configuram em fatores de expulsão.

Os dados sobre os jovens migrantes que ainda permanecem no ensino regular indicam-nos que a migração do lugar de origem afeta negativamente o percurso escolar dos estudantes, uma vez que gera rotatividade de escolas, descontinuidade e interrupção dos estudos, não raro expulsão definitiva da escola.



Outros estudos revelam a mesma problemática. Santana (2015) observou que, em duas escolas públicas da região periférica de Guarabira, SP, os filhos dos migrantes são conduzidos ao trabalho precoce e podem estar no mesmo caminho de seus pais. Em uma das escolas pesquisadas, 97% dos alunos entre a faixa etária de 14 a 18 anos eram migrantes e 20% encontravam-se em defasagem escolar. Há sinais evidentes, segundo o autor, de que os filhos de migrantes sofrem dificuldades para conciliarem escola e trabalho.

Rodrigues (2009) ressalta que 71% dos estudantes entrevistados (boias-frias da região de Santa Margarida, PR) disseram que, ao migrarem, não providenciaram a transferência escolar e, portanto, não frequentavam a escola. Já 59% dos alunos tiveram dificuldades para recuperar suas notas e conseguir aprovação quando retornaram para suas regiões.

Batista e Cacciamali (2012) apontam que a migração familiar está associada à adaptação dos pais ao mercado de trabalho e à inserção/adaptação de seus filhos à escola. Quando os pais não se inserem no mercado de trabalho, os filhos passam a ser a alternativa para a expansão da renda da família. Sendo assim, os filhos de migrantes têm uma probabilidade menor de frequentar a escola em relação aos filhos de não migrantes.

Em estudo sobre migração familiar e trabalho infantil no Brasil urbano, Mesquita e Ramalho (2012) observaram que os filhos de migrantes (rurais ou urbanos) trabalham mais e estudam menos que os filhos de nativos. Os autores citam o trabalho de Mincer (1978 *apud* MESQUITA; RAMALHO, 2012), o qual indica que a decisão de migração familiar nem sempre acarreta maximização de bem-estar para todos os indivíduos. Em alguns casos, um membro da família pode piorar sua situação após a migração, absorvendo os custos derivados da escolha em prol de melhores condições de vida para os demais. Essas consequências seriam estendidas às crianças, que, além de sofrerem com o processo de adaptação ao novo sistema escolar, enfrentam dificuldades de inserção em um novo mercado de trabalho e/ou na nova condição de estudantes-trabalhadoras, muitas vezes experimentada pela primeira vez. Assim, as características dos pais migrantes, o número e a idade dos filhos, certamente, afetariam os custos de adaptação da família à região de destino.

Observamos, por meio do exposto, que a interrupção do percurso escolar, as defasagens idade-série geradas pela frequência insuficiente, a dificuldade de acompanhamento dos conteúdos, a adaptação à escola, a estigmatização pela origem e a mudança de turno e de escola são expressões de múltiplas determinações, entre as quais, e não menos importante, a necessidade de inserção precoce no trabalho.

### **Trabalhadores migrantes da construção civil**

Nos canteiros de obras do principal *campus* da UFSC, encontramos migrantes não apenas trabalhando, mas vivendo nos barracos junto às obras, contratados por empresas da construção civil terceirizadas. Estes trabalhadores executam trabalhos simples, rotineiros, cansativos, pesados, com longas jornadas de trabalho, baixos salários e péssimas condições de trabalho. Deles não é exigida qualificação.

Por meio de observação, conversas informais e entrevistas, fomos desvendando as condições de produção e reprodução da vida de jovens trabalhadores, todos migrantes (89% oriundos do estado da Bahia e 11% de Pernambuco), de origem pobre e com baixa escolaridade. Constituem uma massa de trabalhadores que *vagueia* pelo país em busca de trabalho. São os migrantes permanentemente temporários, conforme Maria Aparecida Silva (1992).

Ao se deslocarem de seus locais de origem em busca de trabalho e melhores salários, ficam submetidos a condições de exploração, degradação e insegurança, acrescidas das condições insalubres de moradia, bem como da alimentação insuficiente e inadequada, em ambiente impróprio.

Os relatos abaixo revelam as condições de trabalho e vida dos migrantes:

*Dá para viver, assim, arrumar o pão de cada dia, e só isso. O serviço lá [no seu local de origem] é ruim, tem que sair para outra cidade para trabalho, por isso que eu estou aqui. 50% do meu salário é para minha família, para minha mãe e para minha mulher.*<sup>12</sup>

*Trabalho de sábado a domingo. Sábado, eu tenho que trabalhar para ganhar o dia, no domingo, trabalho meio dia, e só paga meio dia. Dá 14 horas num dia, por dia. Das 6 horas da manhã às 9 horas da noite [silêncio]. A hora é R\$ 7. Sábado, nós trabalhamos até às 6 horas [da tarde]. Sim, e domingo era para ganhar o dia, e só paga meio dia.*<sup>13</sup>

*Tem vezes que eu vou trabalhar sem café, tem dias que eu passo 10 dias, 15 dias sem tomar café, e não tem ninguém aí para me ajudar. O cara dá fraqueza! Quem tem café toma, quem não tem, não toma [risos]. [...] quando eu vou trabalhar, dá 1 hora e meia, o cara dá uma tontura, quando o sol tá muito quente, a altura dá tontura, pra subir.*<sup>14</sup>

*Eu não tenho, o lazer daqui, a gente trabalha direto. Aqui eu não saio para canto nenhum. A gente não sai porque a gente trabalha de segunda a segunda. Amanhã a gente trabalha, domingo a gente trabalha até o meio-dia. E de tarde, que é a hora para a gente relaxar um pouquinho, a gente vai lavar a roupa. Aí não tem como.*<sup>15</sup>

Em função da extensa jornada, do trabalho pesado e da má alimentação, os trabalhadores indicam desgastes físicos e mentais, o que compromete a sua saúde. Além disso, são nítidas as frustrações diante das expectativas criadas quando partiram de seus locais de origem em busca de trabalho e melhores condições de vida, visto não conseguirem realizar a tão sonhada e desejada economia:

*Humilhação, a pessoa trabalha muito, ganha pouco. Eu 'tô' arrependido, porque eu saí com esperança boa de juntar um bom dinheiro aqui, mas desisti, mas o cara se mata semana toda e final de semana para ganhar um pouco também, não vale a pena.*<sup>16</sup>

*A gente veio porque precisa, eles precisam mais do que a gente. Serviço pesado, entendeu? Todo o serviço de obra para mim é pesado. Se fosse assim, um servicinho assim, suave, que não machucasse muito a gente, aí tinha até como raciocinar, mas o serviço dói, é muito pesado. É bom trabalhar, mas tem serviço que maltrata muito a pessoa. Maltrata, ele é muito pesado. Porque a gente trabalha em betoneira, pega peso, muito saco de cimento, pega ganorta de massa, ganorta de concreto, é tudo serviço pesado, esse trabalho maltrata muito a gente.*<sup>17</sup>

Com relação aos alojamentos, estes compreendem dormitórios, cozinha, banheiros e refeitório instalados no próprio canteiro de obras das empresas. Os quartos abrigam de quatro a seis trabalhadores, mas não têm janelas, portanto não há ventilação nem iluminação naturais. Os beliches são de madeira rudimentar e não há armários, o que dificulta o armazenamento dos pertences dos trabalhadores, que ficam expostos e pendurados nas camas, em pregos nas paredes ou espalhados em malas pelo chão. Os banheiros são isolados dos quartos, dentro de uma estrutura rudimentar; não possuem armários nem espelhos, em alguns nem mesmo cestos de lixo. Nas cozinhas, os armários estão em péssimas condições e as panelas são velhas e amassadas, falta gás para cozinhar os alimentos e, por isso, muitas vezes, os trabalhadores utilizam o fogão a lenha, até mesmo no verão.

As empresas têm interesse em manter alojamentos junto às obras, visto que os trabalhadores estendem com maior facilidade a jornada e são assíduos no trabalho, não há custo de transporte e alguns ainda fazem a segurança nos canteiros de obras sem qualquer custo.

Paradoxalmente, a escola está muito distante do cotidiano dos migrantes da construção civil que trabalham no interior da Universidade: 78% possuem baixa escolaridade (Ensino Fundamental incompleto) e admitem terem dificuldade na leitura. Já 11% dos entrevistados possuem o Ensino Fundamental completo e 11% o Ensino Médio incompleto. Também identificamos que nenhum dos seus pais completaram o Ensino Fundamental, alguns não sabem ler e tiveram pouca frequência à escola. Cabe destacar o estudo desenvolvido pela Fundação Getúlio Vargas em 2011, o qual evidenciou ser a construção civil um dos setores que menos requer educação profissional (RUMMERT; ALGEBAILLE; VENTURA, 2012).

Abaixo, os trabalhadores comentam as razões do ‘abandono’ da escola:

*Ou para de estudar, ou sobrevive; tem que trabalhar, não tem como.*<sup>18</sup>

*Por falta de dinheiro, para ajudar minha família. Minha família é gente humilde, é pobre, é gente pobre, aí tive que largar os estudos, eu, meu pai – ele largou primeiro que eu. Saiu por aí para fazer a vida, e eu estou fazendo a mesma coisa, para ajudar minha família.*<sup>19</sup>

*Oh! trabalho muito, eu estudava de noite, trabalhava de dia e estudava de noite. Quando eu ia para a escola, eu só ia cochilar, aí eu disse: ‘Eu vou sair, não dá para ficar, eu estou muito cansado, só pra quem tem tempo mesmo’. Aí não teve jeito, tive que sair, porque eu trabalhava numa firma que eu acordava às 3 horas da manhã, aí eu perdia o carro. Se eu perdesse o carro, perdia o dia. Aí, eu ia para a escola, a professora falava, e eu dormindo.*<sup>20</sup>

A migração do lugar de origem por motivos econômicos afeta diretamente a escolarização dos trabalhadores migrantes. Estes seguem o mesmo trajeto de seus pais, os quais foram forçados a ‘abandonar’ a escola muito cedo para poderem trabalhar e sobreviver. Essas são determinações da reprodução social impostas pelos atuais processos de expropriação dos meios de subsistência em seus lugares de origem. À

classe trabalhadora é ofertada uma educação nos limites das exigências de mercado, ou seja, também expropriada de conteúdo, de ciência e de arte.

Os trabalhadores migrantes temporários da construção civil da UFSC não abandonaram voluntariamente a escola, foram expulsos dela e, por isso, admitem que, se pudessem, voltariam a frequentar a escola: 67% dos entrevistados gostariam de dar continuidade aos estudos, ao passo que 33% disseram não vislumbrar mais essa possibilidade. Entre os trabalhadores que gostariam de continuar estudando, houve relatos de que, se tivessem tido a oportunidade de estudar mais, provavelmente estariam em outras ocupações, e não submetidos a trabalhos pesados e com baixos salários, conforme os testemunhos abaixo:

*Se eu tivesse a oportunidade de estudar – eu gostava de estudar –, voltava de novo a estudar, porque ajuda muito. Ajuda muito porque a gente aprende muita coisa. Esse negócio de computador, negócio de internet, esse eu não sei mexer. Se eu estudasse, eu mexia, mas não sei mexer, se me der, eu não sei para aonde vai. Mudava, talvez eu não tivesse necessidade de trabalho pesado. Talvez eu entrava num trabalho mais leve, através do meu estudo.<sup>21</sup>*

*Não, não gostaria, porque agora eu não tenho tempo para os estudos, aqui sempre é mais de dia, e de noite a gente tá descansando para trabalhar o dia. Ah! Eu não gostaria, não. Eu podia ser um vigilante, uma coisa assim, um trabalhador de computador, uma coisa assim.<sup>22</sup>*

Os trabalhadores avaliam que, se estudassem, poderiam ter melhores oportunidades de vida e trabalho, deixando assim de se sujeitar às elevadas jornadas, aos trabalhos pesados e aos baixos salários. Mesmo que apontem o retorno aos estudos como possibilidade de mudança, ainda assim não têm grandes expectativas, pois estas pouco se distanciam do trabalho que atualmente realizam. No máximo, poderiam ser vigilantes, conforme depoimento acima. Ao que parece, a farsa liberal da ascensão social por meio da escola não é inteiramente endossada por estes trabalhadores.

Ribeiro (2016) aponta que, no município de Tamboara, PR, 42% dos trabalhadores migrantes não conseguiram concluir o Ensino Fundamental e somente 10% concluíram o Ensino Médio. Os baixos índices escolares dos migrantes têm relação direta com o mercado de trabalho, e no meio rural emprega-se quase que exclusivamente trabalhadores com baixa escolaridade.

A baixa escolarização, segundo Rodrigues (2009), é realidade para os migrantes nordestinos, visto que os boias-frias da região de Santa Margarida, PR, têm formação escolar restrita ao Ensino Fundamental completo. Os dados da pesquisa apontam que 100% dos alunos entrevistados disseram já ter reprovado e associam a reprovação com a migração que realizam anualmente.

Já o estudo de Luciano (2013), realizado no Alto Jequitinhonha, MG, com jovens cortadores de cana, constatou que todos foram para a ‘panha’ do café entre os 14 e os 17 anos, seguindo a mesma profissão de seus pais, irmãos e avôs. Nenhum deles tinha ultrapassado o Ensino Fundamental. Ser jovem e migrante

são dois atributos altamente valorizados pelos empreiteiros da região, e a escola não contribuiu para melhorar sua inserção no mercado de trabalho. Assim, é quase impossível conciliarem o calendário escolar com o trabalho, sendo o retorno à escola praticamente inexistente.

O estudo de Marcelo Saturnino Silva (2011) aponta que a maior parte dos migrantes nordestinos que trabalham nos canaviais paulistas estão na faixa dos 17 aos 30 anos, com vínculos informais de trabalho. Cinquenta e dois por cento dos jovens migrantes entrevistados possuíam apenas o Ensino Fundamental incompleto, o que dificultava sua inserção em outros setores do mercado de trabalho. O autor indica o motivo do precoce abandono da escola: “[...] depois do corte de cana, os jovens não querem mais permanecer na escola” (SILVA, M., 2011, p. 112). Além disso, ficam por pouco tempo nos canaviais, pois sua vida útil é abreviada pelas condições de trabalho, que causam o envelhecimento precoce dessa força de trabalho: “A gente não consegue cortar cana muito tempo” é uma frase frequentemente pronunciada pelos trabalhadores migrantes (SILVA, M., 2011, p. 112).

Em pesquisa desenvolvida por Menezes (2012) com migrantes e arregimentadores no município de São José de Piranhas, Sertão de Cajazeiras, PB, foram identificados, em 2010, cerca de 1.500 homens (18% da população rural do município) que haviam se deslocado para os canaviais paulistas, a grande maioria jovens na faixa etária de 18 a 30 anos. Como o período da safra do corte de cana não é compatível com o calendário escolar, os jovens que estão frequentando a escola são obrigados a interromper os estudos em favor da necessidade de trabalho. Os migrantes têm baixa escolaridade: 11,23% são analfabetos e 56,15% não concluíram a primeira fase do Ensino Fundamental. O trabalho nas usinas, além de não exigir escolaridade, é uma opção de trabalho com admissão praticamente certa. Esses dados confirmam, segundo Menezes (2012), que a necessidade de migrar, em geral, leva à interrupção dos estudos.

Considerando os dados de nossa pesquisa e de outras acima apresentadas, em associação com as análises sobre o acesso e a permanência na escola por parte da classe trabalhadora, concluímos que a desigualdade social se revela na diferenciação de acesso ao conhecimento, à cultura e à formação profissional. Os trabalhadores, em geral, não desfrutam do conhecimento, da cultura, da técnica e da tecnologia desenvolvidos pela humanidade. A escola, em sua estrutura dualista, como foi aqui apresentada, dispõe de um conhecimento restrito, reduzido e pobre para os trabalhadores e seus filhos, especialmente para os que se ocupam dos trabalhos mais simples e mal remunerados. No que diz respeito aos migrantes, a situação é ainda mais dramática: nossos entrevistados são muitos jovens (em média, têm 26 anos), e a maior parte deles não conseguiu concluir o Ensino Fundamental. Além dos elementos que determinam o não acesso ou a ‘desistência’ da escola, os migrantes são levados a deixar seus locais de origem em busca de trabalho ou melhores condições de vida; alguns migram para diferentes lugares e por diversas vezes (são os permanentemente temporários), dificultando a permanência na escola.

## O reencontro de migrantes com a escola – Educação de Jovens e Adultos

Conforme apresentamos acima, os jovens migrantes enfrentam sérias dificuldades de permanência no ensino regular, mas, uma vez expulsos, continuam interessados em retornar aos estudos, sendo a EJA uma das poucas alternativas para o reencontro dos migrantes com a escola. O processo de escolarização do migrante, marcado por desigualdades sociais, econômicas, culturais, raciais, entre outras, revela a diferenciação na distribuição do conhecimento, transmutado por diferenças naturais e de aptidões pessoais. Há variedade de ofertas educativas para a classe trabalhadora, entretanto “pulverizada, desigual, irregular e instável”, conforme avaliação de Rummert, Algebaile e Ventura (2012). Entre as ofertas, as autoras citam os cursos e programas dirigidos à ampliação da escolaridade de jovens e adultos. Elas observam que o público-alvo dos cursos é cada vez mais segmentado em termos de inscrição territorial, pertencimento étnico-cultural e situação de participação econômica e social.

Na EJA do município de Florianópolis, um dos campos de nossa pesquisa, encontramos um grande número de estudantes migrantes, vindos de diferentes regiões do país. Em consulta às fichas de matrícula<sup>23</sup> dos 19 núcleos<sup>24</sup> que se espalham pelos bairros do município, encontramos o registro de matrícula de 904 migrantes em 2018, e de 974 em 2019.

Do total de estudantes matriculados em 2018, 47,1% eram migrantes, 6,3% eram da Região Metropolitana da Grande Florianópolis, 2% eram de Estados estrangeiros e 29,4% eram nativos. Não constava a informação de origem em 15,1% das fichas de matrícula. Agrupando os migrantes da Grande Florianópolis com os de outras regiões e Estados estrangeiros, obtivemos o total de 55,4%; ou seja, mais da metade dos estudantes matriculados na modalidade EJA em 2018 eram migrantes.

Com base nas fichas de 2019, identificamos 50,6% de alunos migrantes, 6,7% da Região Metropolitana da Grande Florianópolis, 1,4% de Estados estrangeiros e apenas 29,1% nativos. 12,1% dos matriculados não informaram o local de nascimento. Considerando todos os migrantes, incluindo os da Grande Florianópolis e os estrangeiros, chegamos a 58,7% de migrantes, com um aumento de 3,3% em relação ao ano de 2018.

Com pequenas alterações, os dados de 2018 e 2019 indicam a predominância dos migrantes da Região Sul do país, seguindo um padrão histórico de migração regional na ocupação do território, bem como a migração rural-urbana desencadeada a partir do início do século XX e intensificada na metade do século. Também observamos o aumento da migração provinda de outras regiões, especialmente do Nordeste, cujo fluxo habitual, até então, seguia em direção às grandes cidades da Região Sudeste do país. Atualmente, o fluxo tem sido direcionado para as médias e pequenas cidades. Nesse contexto, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011) revelam que Santa Catarina, no quinquênio 2005-2010, recebeu um volume 59% maior de imigrantes em relação aos anos anteriores.

Em 2010, a Grande Florianópolis foi a segunda Mesorregião do estado em número de imigrantes, tanto de outros municípios quanto de outros estados. Florianópolis contraria as estatísticas de perda populacional da maioria das cidades do estado, ao ter um dos maiores crescimentos no número de migrações, vindas de estados como: Rondônia, Amazonas, Pará, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal, de acordo com dados do IBGE (2011).

Aprofundamos nossa pesquisa nos núcleos de EJA do Norte da Ilha, por concentrarem o maior número de estudantes migrantes matriculados, alcançando 70,8% em 2019, contra apenas 16,2% de nascidos em Florianópolis. A Região Sul tem a maior incidência de migrantes, com 53,2% (625 estudantes). Isso ocorre pela proximidade com a cidade de Florianópolis e pelo retorno facilitado, caso seja necessário. Os estados com os maiores números de matrículas são, na sequência, Santa Catarina, com 298 matrículas (contando com os nascidos em Florianópolis); Rio Grande do Sul, com 225 matrículas; e Paraná, com 102 matrículas. As matrículas dos estudantes oriundos da Região Nordeste aumentaram em relação ao ano de 2018, contabilizando 15% (176 estudantes). Os estados que aparecem com maior frequência são a Bahia, estado de origem de 80 estudantes; seguida por Alagoas, com 35; Maranhão, com 20; Pernambuco, com 17; e Ceará, com 15 estudantes. Há ainda um conjunto de fichas de matrícula sem a identificação da localidade, chegando a pouco mais de 17%.

Além da consulta às fichas de matrícula, realizamos dois grupos focais com estudantes migrantes do Núcleo de EJA do bairro Ingleses, no Norte da Ilha. No primeiro deles, abordamos elementos da vida, do trabalho e da escola antes da migração e, no segundo, focamos nos mesmos elementos após a chegada a Florianópolis. As cidades de origem dos participantes do grupo focal são: Salinópolis, PA; Bacabal, MA; Ituberá, BA; Aparecida, RO; Bagé, Porto Alegre, Uruguaiana e Passo Fundo, RS; Curitiba e Foz do Iguaçu, PR. Todos já passaram por outros lugares antes de chegar a Florianópolis; uma das estudantes, com 16 anos de idade, morou em 13 cidades diferentes. Tal situação de grande mobilidade leva ao desapego pelo lugar de origem, como observamos no depoimento: “*não me sinto de lugar nenhum*”.

Apesar de os estudantes serem atraídos à capital do estado por melhores condições de vida e trabalho, tais condições nem sempre se mostram favoráveis:

*Aí tem que procurar trabalho né, se virar, correr atrás. Trabalhar, trabalhar, trabalhar [pausa]. Aqui o povo trabalha de dia e de noite, a maioria. Acho que todo mundo aqui concorda [turma concorda]. Tem que ser, pra poder se manter aqui, porque o custo de vida aqui é um pouco alto. Aluguel é tudo complicado, muitos lugares não aceitam criança, animais, então é bem complicado. Muita gente aluga até a temporada e depois manda embora. Muita gente, quando vem pra cá, quando eu vim pra cá, com todo mundo me dizendo que, pro meu ramo, era bom. Aqui é assim, ou fica, ou vai, não tem meio termo, é questão de um ano. Se em um ano tu conseguiu ficar, aí tu te dá bem, se não, tu vai embora, é o que me diziam.*<sup>25</sup>

Os migrantes que participaram dos grupos focais exercem, em geral, trabalhos simples, como na construção civil, no ramo de hotelaria ou em outros serviços; alguns estavam desempregados. Os turnos de trabalho são extensos; a metade do grupo revelou que trabalha mais de 8 horas por dia, chegando a 12 horas. É comum entre eles as poucas horas de sono e descanso. Em consulta às fichas físicas de matrícula da EJA Norte 1, no bairro Ingleses, as quais contêm mais informações sobre os estudantes, para além dos que participaram dos grupos focais, encontramos as seguintes ocupações: pedreiro e servente de pedreiro, jardineiro, costureiro, cozinheiro, auxiliar de cozinha, faxineiro, babá, caseiro, serviços gerais, açougueiro, repositor no supermercado, atendente, artesão e aposentado.

A renda familiar predominante varia de um a dois salários mínimos, mas também encontramos rendas abaixo desse patamar (R\$ 700 foi a mais baixa) e acima do salário mínimo (R\$ 4 mil foi a mais alta). A grande maioria não tem carteira assinada ou nunca teve. Das 85 fichas de matrícula disponíveis para consulta, 41 indicaram não ter carteira assinada, em contraste com 10 que tinham carteira assinada, e 34 deixaram em branco essa informação. É relevante informar que 31 dos informantes nunca tiveram carteira assinada.

A migração torna-se a esperança de toda família e de pessoas próximas, que se apoiam para realizar a mudança. Os parentes e amigos que estão instalados na capital cedem algum cantinho na casa e auxiliam na procura de emprego, mesmo antes da chegada de seus conterrâneos. A rotina cotidiana, a falta de recursos financeiros, a impossibilidade de acesso aos produtos consumíveis nas praias e em outros locais de socialização, a falta de locomoção confortável e acessível, a falta de amigos no novo local de moradia, o empenho para estudar e conseguir um emprego melhor fazem com que esses estudantes não conheçam a admirável ‘ilha da magia’. Ainda assim, este é um dos frequentes motivos citados como influenciadores na decisão de migrar para Florianópolis, como mostra o relato abaixo, do grupo focal:

*A realidade é que o lugar que eu ‘tava’ lá não tinha praia, essas coisas, e aqui tem praia e vários lugares legais, apesar que eu nem saio, nem saio pra conhecer os lugares bonitos. A vontade é conhecer, mas eu trabalho de tarde e à noite venho pra escola. Quando eu não estudo, tenho que jogar bola, não sobra tempo. Nos finais de semana, tem a minha irmã, e de vez enquanto ela sai com a gente, eu não tenho muita amizade aqui.<sup>26</sup>*

Os motivos que levam os trabalhadores migrantes a retomar seu processo de escolarização estão ligados à melhora na sua condição de trabalho e vida, entretanto são o trabalho e a situação de vida que os afastam constantemente da escola. Caso consigam conciliar trabalho e escola, contam com pouquíssimo tempo para os estudos:

*Nesse tempo que ‘tô’ aqui, já fiz tanta coisa já; já trabalhei na academia civil, já trabalhei na Cassol. Nesse um ano que ‘tô’ aqui, que foi uma correria braba, não dava de fazer nada. Agora ‘tô’ trabalhando no Costão do Santinho com segurança do trabalho, eu venho do Costão do Santinho pra escola, escola, trabalho, essa é minha vida.<sup>27</sup>*



Também realizamos um grupo focal no Núcleo EJA - Centro, com a turma que funciona no bairro Serrinha, uma área de morro próxima à UFSC. Participaram do grupo dezesseis migrantes, em sua grande maioria mulheres, vindos do interior do estado de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, da Bahia e de Alagoas. O trabalho foi o motivo principal para a migração de todos os participantes do grupo focal, associado à busca por melhores condições de vida e ao estudo para si e/ou seus filhos. Como afirma Frochtengarten (2009, p. 99), “[...] um tanto iniciativa, um tanto reação, a migração é um movimento de quem, em seu lugar de origem, dificilmente poderia ‘melhorar de vida’ e diferenciar-se dos outros homens por algo que viesse a fazer”.

Muitos viviam e trabalhavam no meio rural antes de migrar. Chegaram a Florianópolis apoiados por familiares que já viviam nesse lugar de destino. Segundo seus depoimentos, aqui encontraram trabalho e o salário é melhor, entretanto o custo de vida é mais alto, por isso acabaram tendo dois vínculos de trabalho: *“Aqui é bom para quem tem casa e dinheiro. Mas para quem não tem é complicado, tem que suar. Tem que suar e tem que ralar. O salário é melhor, mas você tem que arrumar dois empregos para você poder sobreviver”*.<sup>28</sup>

A mobilidade, que marca a vida dos migrantes com passagens por diferentes cidades e estados, também está presente nas inserções ocupacionais. Os relatos indicam vários e diversos vínculos de trabalho, todos simples e sem exigência de escolaridade e qualificação: serviço doméstico, de limpeza, babá, serviços gerais, auxiliar de cozinha, repositor de supermercado, atendente de padaria, manicure e auxiliar de cabelereiro, vigilante, garçom, mototaxista. Alguns afirmam que sofrem discriminação, especialmente pela concorrência no mercado de trabalho: *“Por ser de fora, mais um para tomar o lugar dos outros. Esse tipo de coisa, assim”*.<sup>29</sup>

Ainda que seja muito difundida a ideia de que a escolaridade é exigência para a inserção no mercado de trabalho, em nossa pesquisa, observamos o contrário: o emprego é condição para o retorno aos estudos. Quando chegam ao local de destino, a preocupação primeira é com trabalho e instalação; somente a partir daí os migrantes podem ter condições de estudar.

Com relação à interrupção escolar, o motivo comum entre os migrantes que participaram da pesquisa é a necessidade de trabalho. Para os que vieram do meio rural, acrescenta-se que a escola não era acessível. Abaixo, alguns depoimentos gerados na realização do grupo focal:

*Eu não tive a oportunidade que eu ‘tô’ tendo agora. A minha mãe tinha cinco filhos, né! Então ela se separou do meu pai, e a gente teve que parar de estudar pra dar conta da casa, trabalhando para aqueles fazendeiros miseráveis. [...] A oportunidade foi cortada por causa do trabalho. Então a gente teve que trabalhar na roça pra sustentar os irmãos e ficou bastante complicado, foi ficando mais difícil ainda, e agora eu tive a oportunidade de pegar meus estudos de volta e não vou largar tão fácil.*

*Eu estudei até os 12 anos e saí do colégio para trabalhar e ajudar minha mãe. Minha mãe teve 7 filhos, então ela colocou tudo a trabalhar cedo, e aí eu não tive estudo. Eu estudei até a 3ª série só, e agora que eu estou voltando a estudar.*

*Na verdade, eu tenho doze irmãos. Aí sempre os mais velhos tinham que trabalhar para ajudar os pais. Aí eu não tive oportunidade de estudar, eu estudei bem pouquinho. Aí parei; aí, quando eu cheguei aqui, senti muita vergonha, porque, quando eu chegava nas firmas, é para preencher currículo né!? Eu não sabia, tinha que pedir aos outros pra preencher para mim, e, ó, quer saber, não tenho filho pequeno, vou voltar a estudar. Graças a Deus, faz dois anos que eu estou estudando, aprendi mais e pretendo estudar mais ainda. Porque é uma vergonha a pessoa andar pelo mundo e não saber de nada, viu? Muita vergonha.<sup>30</sup>*

Como afirmamos acima, os estudantes, para sobreviver, têm dois vínculos de trabalho, sem contar os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos, portanto chegam cansados à EJA, após longas e exaustivas jornadas de trabalho e poucas horas de sono.

A situação dos migrantes com baixa escolarização e que buscam retomar os estudos por meio da EJA é uma realidade que se repete em diferentes locais. A título de exemplo, citamos a pesquisa desenvolvida por Frochtengarten (2009) acerca da experiência de escolarização de adultos migrantes na cidade de São Paulo. A maioria dos migrantes vêm de áreas rurais, ocupam postos de trabalho não qualificados e têm breves passagens pela escola regular. São empregados de residências e condomínios, prevalecendo as empregadas domésticas, além de trabalhadores do comércio e de prestadores de serviços.

O autor observa, por meio de sua prática como professor e pesquisador, que, entre as vivências levadas de modo involuntário pelos estudantes para a escola, estão as hierarquias; a maioria deles ocupam posições subordinadas, de obediência, e suas relações intersubjetivas são polarizadas entre mandatários e serviçais. “A desigualdade econômica que penetra os meandros da vida cotidiana adere à subjetividade como desigualdade moral.” (FROCHTENGARTEN, 2009, p. 36). Assim, a inclinação dos alunos adultos a assumir lugares inferiorizados na sala de aula está relacionada não apenas à sua condição de trabalhadores pobres, mas também ao fato de serem migrantes.

Frochtengarten (2009, p. 134) afirma que “[...] a participação escolar aponta para uma comunidade de destino. [...] A escola proporciona a partilha de histórias de afastamento da escola regular, da migração e do trabalho manual que permeiam as responsabilidades, as angústias e as esperanças dos alunos”. A noção de destino pode estar associada à opressão e ao rebaixamento, mas também pode significar uma “ação decidida a interromper uma condição social” (FROCHTENGARTEN, 2009, p. 134).

A formação dos estudantes para os tempos que virão é um desafio enfrentado por todas as escolas desse mundo em que as competências necessárias à participação social sofrem mudanças aceleradas. No caso específico da educação de adultos, essa opacidade do futuro é agravada pela instabilidade dos esquemas de vida dos alunos, a começar pelo desconhecimento do lugar aonde a vida vai desenrolar-se.-(FROCHTENGARTEN, 2009, p. 154).

Assim, a subjetividade dos jovens migrantes é determinada pelas condições objetivas que estão obrigados a enfrentar no percurso de suas vidas como trabalhadores. Os sonhos, os planos de futuro, a forma de interagir na sala de aula, a percepção do Outro, do estudo e do lugar em que moram encontram-se determinados pelas suas condições de trabalho. O futuro é opaco porque o presente dos jovens trabalhadores e de suas famílias é obscuro, incerto e fraturado. Os percursos escolares dos jovens migrantes da classe trabalhadora, marcados por interrupções, rotatividade de escolas e de modalidades educativas, fazem parte de percursos laborais com estas mesmas características. Em outras palavras, o movimento constante de lugar de moradia e o conseqüente movimento de expulsão e retorno à escola que vivenciam os jovens migrantes da classe trabalhadora são reflexos do movimento de expulsão e incorporação ao mercado do trabalho de seus pais ou deles próprios.

### Considerações finais

Destaca-se que, nos três percursos escolares de jovens migrantes que analisamos neste artigo, o trabalho é o eixo estruturante da vida do migrante; trabalhar é a prioridade, e estudar ocupa um segundo plano. Para os jovens que frequentam o ensino regular, o principal concorrente com os estudos e com a possibilidade de finalização do ciclo escolar é o trabalho; os jovens que trabalham na construção civil interromperam seus estudos por causa do trabalho, e as características das suas ocupações atuais inviabilizam as possibilidades de retomarem os estudos; os jovens migrantes da EJA retomaram o processo de escolarização com a expectativa de melhorar suas condições de trabalho, mas, ao mesmo tempo, o trabalho contribui para a desistência do programa.

O percurso vital dos migrantes é um percurso de expulsões. Expulsão do lugar de moradia, expulsão da escola e expulsão do trabalho são uma constante na vida da parcela da classe trabalhadora que constitui o *exército de reserva* em âmbito local e internacional. A classe trabalhadora não tem a possibilidade de decidir sair do lugar de origem, muito menos decidir sair da escola. A migração é pressionada pelos processos de expropriação dos meios de subsistência nos territórios de origem, e a escola dos lugares de destino não consegue responder às dinâmicas das condições de vida dos estudantes migrantes e trabalhadores.

A classe trabalhadora é forçada a migrar para garantir sua sobrevivência e de sua família e, ao mesmo tempo, é expulsa da escola pela condição de migrante e de trabalhador. Porém, os migrantes tentam enfrentar os obstáculos do sistema escolar e retomar os estudos com a ilusão de melhorar suas condições de vida e de trabalho, mas a educação disponível não lhes permite alterar sua realidade, uma vez que, conforme Suchodolski (1976), a educação na nossa sociedade, em essência, tem o propósito de conservar os processos de expropriação e exploração do trabalho e gerar processos de adaptação permanente às condições de vida miseráveis.

Temos acordo com Frochtengarten (2009, p. 147) quando afirma que a carência material não é decorrente do afastamento da escola, “[...] a escolaridade incompleta é que foi causada pela carência material”. Observamos esta situação na realidade dos jovens e de seus percursos escolares aqui analisados. Sua luta imediata é pela sobrevivência, por prover casa e comida à sua família. Mas a luta pela inserção na vida social também conta com elementos culturais e educativos, como aprender a língua, compreender os códigos, fazer amizades, situar-se no novo local, entre outros aspectos. A escola pode contribuir ou não com este processo em meio à permanente tensão entre expulsão e integração.

## Notas

<sup>1</sup> Sassen (2016, p. 74) analisa o encarceramento como uma “[...] forma brutal de expulsão de excedentes da população”. Observa que a maior parte das pessoas que estão sendo encarceradas não tem trabalho e dificilmente poderão encontrar trabalho.

<sup>2</sup> Um exemplo atual de suicídio está relacionado à ausência de previdência pública no Chile, a partir do processo de privatização promovido pelo General Pinochet na década de 1980. De acordo com o estudo *Estatísticas Vitais*, do Ministério de Saúde e do Instituto Nacional de Estatísticas (INE), entre 2010 e 2015, 936 adultos maiores de 70 anos tiraram sua própria vida. O levantamento aponta que os maiores de 80 anos apresentam as maiores taxas de suicídio – 17,7 para cada 100 mil habitantes –, seguidos pelos segmentos de 70 a 79 anos, com uma taxa de 15,4, contra uma taxa média nacional de 10,2. Conforme o Centro de Estudos de Velhice e Envelhecimento, são índices mórbidos, que crescem a cada ano e refletem a “[...] mais alta taxa de suicídios da América Latina”. Disponível em: <https://bit.ly/33G1asq>. Acesso no dia 5 de agosto de 2019.

<sup>3</sup> Essa dualidade, segundo Rummert, Algebaile e Ventura (2013, p. 21), envolve “[...] distinções entre as redes municipais, estaduais e federal e, no seu interior, entre os vários modelos e modalidades; nos variados padrões de oferta das redes privadas; na multiplicidade de ‘oportunidades formativas’ que recriam ou instituem trajetórias subordinadas de formação, as quais, em conjunto, ressignificam uma marca social da escola, cujo caráter classista é encoberto pelo discurso ‘inclusivo’”.

<sup>4</sup> Em nossa pesquisa, observamos, por meio dos grupos focais e das entrevistas, uma expressiva valorização da escola e expectativa em relação a ela, o que, de alguma forma, chamou-nos a atenção. Mesmo apontando um conjunto de problemas, mostrando desânimo e desmotivação para com os estudos, enfrentando obstáculos externos e internos para seguir estudando e aprendendo, os estudantes esperam que a escola os incentive a serem pessoas mais críticas e reflexivas.

<sup>5</sup> Os trabalhadores migrantes, pais dos estudantes que participaram de nossa pesquisa, recebem salários muito baixos e ficam vinculados a mais de um tipo ou contrato de trabalho, por isso toda a família precisa trabalhar.

<sup>6</sup> Depoimentos do grupo focal realizado com estudantes do Ensino Médio noturno na EEB Padre Anchieta, em Florianópolis, SC.

<sup>7</sup> Os questionários contemplaram o primeiro ano do Ensino Médio (22 alunos do turno matutino, 22 do vespertino e 9 do noturno), o segundo (26 alunos do turno matutino e 12 do noturno) e o terceiro (16 alunos do matutino e 8 do noturno). O objetivo foi levantar dados sobre a relação dos jovens com a escola, tendo em vista alguns eixos: dados gerais e condições socioeconômicas, culturais e de moradia dos jovens; a condição do jovem estudante; os motivos que afastam o jovem da escola; os motivos que fortalecem a relação dos jovens com a escola; as expectativas do jovem quanto ao futuro da sociedade.

<sup>8</sup> O grupo focal é uma técnica qualitativa de coleta de dados que reúne um grupo de pessoas selecionadas tendo em vista um tópico de pesquisa, sendo orientado por um roteiro de questões.

<sup>9</sup> Dos 109 estudantes migrantes, 49 são do primeiro ano do Ensino Médio, 33 estudantes são do segundo ano e 27 do terceiro ano.

<sup>10</sup> Os outros motivos estão associados ao desânimo e desmotivação para os estudos (44%); envolvimento com álcool e/ou drogas (18,3%); falta de apoio da família (7,3%); 2,8% não possuem condições financeiras para frequentar a escola, mesmo essa sendo pública, 1,8% acha que a escola não serve para nada, e 4,6% não responderam.

<sup>11</sup> Depoimentos do grupo focal com o 7º ano do Ensino Fundamental matutino – EEB Hilda Teodoro Vieira, em Florianópolis, SC.

<sup>12</sup> Pedreiro da empresa Progredior, 22 anos, 7º ano do Ensino Fundamental. Entrevista.

<sup>13</sup> Pedreiro da empresa Progredior, 22 anos, 7º ano do Ensino Fundamental. Entrevista.

<sup>14</sup> Pedreiro da empresa Progredior, 36 anos, 5º ano do Ensino Fundamental. Entrevista.

<sup>15</sup> Pedreiro da empresa Progredior, 36 anos, 5º ano do Ensino Fundamental. Entrevista.

<sup>16</sup> Pedreiro da empresa Progredior, 22 anos, 7º ano do Ensino Fundamental. Entrevista.

<sup>17</sup> Pedreiro da empresa Progredior, 36 anos, 5º ano do Ensino Fundamental. Entrevista.

<sup>18</sup> Pedreiro da empresa Salver, 27 anos, 1º ano do Ensino Médio. Entrevista.

<sup>19</sup> Pedreiro da empresa Progredior, 22 anos, 7º ano do Ensino Fundamental. Entrevista.

<sup>20</sup> Pedreiro da empresa Salver, 27 anos, 1º ano do Ensino Médio. Entrevista.

<sup>21</sup> Pedreiro da empresa Progredior, 36 anos, 5º ano do Ensino Fundamental. Entrevista.

<sup>22</sup> Pedreiro da empresa Salver, 32 anos, 5º ano do Ensino Fundamental. Entrevista.

<sup>23</sup> Cinquenta e três referentes ao ano de 2018 e 52 referentes ao ano de 2019.

<sup>24</sup> Dez referentes ao ano de 2018, e nove ao ano de 2019.

<sup>25</sup> Relatos do grupo focal realizado no Núcleo EJA Norte 1 – Ingleses, em Florianópolis, SC.

<sup>26</sup> Relatos do grupo focal realizado no Núcleo EJA Norte 1 – Ingleses, em Florianópolis, SC.

<sup>27</sup> Relatos do grupo focal realizado no Núcleo EJA Norte 1 – Ingleses, em Florianópolis, SC.

<sup>28</sup> Relatos do grupo focal realizado no Núcleo EJA Centro – Serrinha, em Florianópolis, SC.

<sup>29</sup> Relatos do grupo focal realizado no Núcleo EJA Centro – Serrinha, em Florianópolis, SC.

<sup>30</sup> Relatos do grupo focal realizado no Núcleo EJA Centro – Serrinha, em Florianópolis, SC.

## Referências

- BATISTA, Natalia F.; CACCIAMALI, Maria C. Migração familiar, trabalho infantil e ciclo intergeracional da pobreza no estado de São Paulo. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 1-9, 2012. ISSN 0103-6351. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-63512012000300004>.
- FERNANDES, Florestan. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus, 1966.
- FERRARO, Alceu R. Diagnóstico da escolarização no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 12, p. 22-47, set./nov. 1999.
- FONTES, Virgínia. Formação dos trabalhadores e luta de classes. **Trabalho Necessário**, Niterói, v. 14, n. 25, p. 13-24, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.14i25.p9618>.
- FORACCHI, Marialice. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1977.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. **Caminhando sobre fronteiras: o papel da educação na vida de adultos migrantes**. São Paulo: Summus, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios. Resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- KUENZER, Acácia Z. Pedagogia do Trabalho na acumulação flexível: os processos de inclusão excludente. **Boletim técnico do Senac**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 32-38, 2005.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- LUCIANO, Conceição Aparecida. **Entre o “cá e o lá”: educação e trabalho na vida dos jovens migrantes do Alto Jequitinhonha, MG**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- MARX, Karl. A chamada acumulação primitiva. In: MARX, Karl. **O Capital**. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008. Livro 1, v. 2, cap. XXIV.
- MARX, Karl. A lei geral da acumulação capitalista. In: MARX, Karl. **O Capital**. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008a. Livro 1, v. 2, cap. XXIII.
- MENEZES, Marilda A. Migrantes temporários em usinas de cana de açúcar: trabalho, família e relações com a localidade de origem. In: WORLD CONGRESS OF RURAL SOCIOLOGY, 13. 2012, Lisboa. **Anais**
- MESQUITA, Shirley P.; RAMALHO, Hilton M. B. Migração e trabalho infantil no Brasil urbano. In: TEIXEIRA, Paulo E.; BRAGA, Antonio M. C.; BAENINGER, Rosana. (org.). **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- OLIVEIRA, Francisco. A produção dos homens: notas sobre a reprodução da população sob o capital. **Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 16, p. 5-25, 1976.
- RIBEIRO, Vitor Hugo. Os cassacos migrantes de Tamboara - PR: reflexos da modernização conservadora. **Geografar: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR**, Curitiba, v. 11, p. 17-40, 2016. ISSN: 1981-089X. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/geografar.v11i2.50177>.

RODRIGUES, Adriana M. M. **Migração temporária e suas implicações na educação**: o caso de Santa Margarida – Bela Vista do Paraíso (PR). 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RUMMERT, Sonia M.; ALGEBAILLE, Eveline; VENTURA, Jaqueline. Educação e formação humana no cenário de integração subalterna no capital-imperialismo. *In*: SILVA, Mariléia Maria da; EVANGELISTA, Olinda; QUARTIERO, Elisa M. (org.). **Jovens, trabalho e educação**: a conexão subalterna de formação para o capital. Campinas: Mercado de Letras, 2012. v. 1, p. p. 15-70.

SANTANA, Edinalva. **Entre o trabalho e a escola**: estudo com adolescentes que estudam e trabalham, filhos de trabalhadores rurais migrantes, residentes no município de Guariba/São Paulo. 220 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

SASSEN, Saskya. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. Tradução de Angélica Freitas. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2016.

SILVA, Marcelo Saturnino. **Trabalhadores-migrantes nos canaviais paulistas**: sociabilidade, trabalho e formas de resistência. 2011. 322 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.

SILVA, Maria Aparecida M. Destinos e trajetórias de camponeses migrantes. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13. **Anais [...]**. São Paulo: Abep, 1992. v. 3. p. 161-77. 1 CD-ROM.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoria marxista da educação**. Tradução de Maria Carlota Melo. Lisboa: Editorial Estampa, 1976. v. 1.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. Tradução de Denise Bottmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.